

O PAPEL DA BIBLIOTECA NA MEDIAÇÃO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

THE ROLE OF THE LIBRARY IN MEDIATING LITERARY EDUCATION AND FORMATION OF READERS
EL PAPEL DE LA BIBLIOTECA EN LA MEDIACIÓN DE LA EDUCACIÓN LITERARIA Y LA FORMACIÓN DE
LECTORES

Elvira Cristina Martins Tassoni¹
Bruna De Mattei Gonçalves²

Resumo: Educação literária refere-se à formação de leitores aptos a discutirem e analisarem suas próprias leituras, compreendendo a sociedade de forma atuante e crítica. Espaços de incentivo à leitura, desde a mais tenra idade, como as bibliotecas, são propícios para o desenvolvimento de leitores e de cidadãos. Esta pesquisa quanti-qualitativa tem como objetivo investigar as bibliotecas públicas e as bibliotecas em escolas públicas em funcionamento na cidade de Campinas (SP) e discutir tais espaços como promissores para a formação do leitor. O método envolve buscas pela internet e entrevistas não estruturadas com alguns bibliotecários, seguidas de visitas. Apenas 16% das escolas da rede pública, municipal e estadual da cidade, possuem espaços específicos para acervo de livros, mas parte considerável é classificada como sala de leitura e não biblioteca. A cidade tem seis bibliotecas públicas que, além de estudos e pesquisas, promovem encontros e eventos, contribuindo para uma formação cultural e cidadã.

Palavras-chave: Biblioteca; Educação literária; Leitura.

Abstract: Literary education refers to the formation of readers able to discuss and analyze their own readings, understanding society in an active and critical way. Spaces that encourage reading, from an early age, such as libraries, are conducive to the development of readers and citizens. This quanti-qualitative research aims to investigate public libraries and libraries in public schools operating in the city of Campinas (SP) and discuss such spaces as promising for the formation of the reader. The method involved internet searches and unstructured interviews with some librarians, followed by visits. Only 16% of public, municipal and state schools in the city have specific spaces for book collections, but a considerable part is classified as a reading room and not a library. The city has six public libraries that, in addition to studies and research, promote meetings and events, contributing to a cultural and citizen formation.

Keywords: Library; Literacy education; Reading.

Resumen: La educación literaria se refiere a la formación de lectores capaces de discutir y analizar sus propias lecturas, entendiendo la sociedad de forma activa y crítica. Los espacios que fomentan la lectura, desde temprana edad, como las bibliotecas, son propicios para el desarrollo de lectores y ciudadanos. Esta investigación cuanti-qualitativa tiene como objetivo investigar las bibliotecas públicas y en las escuelas públicas que operan en la ciudad de Campinas (SP) y discutir espacios tan prometedores para la formación del lector. El método implicó búsquedas en Internet y entrevistas no estructuradas con algunos bibliotecarios, seguidas de visitas. Solo el 16% de las escuelas públicas, municipales y estatales de la ciudad cuentan con espacios específicos para colecciones de libros, pero una parte considerable está clasificada como sala de lectura y no como biblioteca. La ciudad tiene seis bibliotecas públicas que también promueven encuentros y eventos, contribuyendo a la formación cultural y ciudadana.

Palabras-clave: Cultura y educación; Educación literaria; Lectura.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. cristinatassoni@gmail.com . orcid.org/0000-0002-8968-3981

² Graduanda do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. cristinatassoni@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6117-9508>

INTRODUÇÃO

A educação literária preocupa-se com a formação de leitores competentes, o que pressupõe um leitor que se apropria do texto como um todo estético e ético, não apenas focalizando as palavras que o compõem, mas o seu contexto, não só decodificando, mas compreendendo suas múltiplas funções, atribuindo-lhe sentido e, ainda, relacionando-o com as experiências vividas.

Nesse sentido, a leitura é atividade humana que envolve a linguagem e por isso, “dialoga, media, transforma e constitui os sujeitos durante sua atividade” (HIGA, 2015, p. 20). Higa (2015) narra que anteriormente ao surgimento das teorias que valorizam o contexto cultural e histórico como princípio explicativo para o desenvolvimento humano, defendia-se a ideia de que certos indivíduos nasciam com predeterminações genéticas para o sucesso em determinadas áreas do conhecimento. E dessa forma o fracasso no âmbito da leitura e escrita era de responsabilidade do próprio indivíduo. Porém, a Teoria Histórico-Cultural coloca em cheque o determinismo biológico, que é a base para a crença de que o indivíduo já nasce pronto. Smolka (2009, p. 8) em seus estudos sobre Vigotski apresenta que o autor entendia que “o desenvolvimento da criança encontra-se [...] intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprio dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros”.

Pautando-se na Teoria Histórico-Cultural, defende-se que o indivíduo não nasce leitor, mas é a partir de suas experiências de vida, junto com outras pessoas, que oferecerão as condições, ou não, para tornar-se leitor. Diante desses

pressupostos, a pesquisa apresentada objetivou investigar as bibliotecas públicas e as bibliotecas em escolas públicas em funcionamento na cidade de Campinas (São Paulo, Brasil) e discutir tais espaços como promissores para a formação do leitor.

Num mundo onde a comunicação se dá por diversos meios, a leitura constitui-se uma ferramenta importante para a inserção do indivíduo na sociedade de forma atuante e significativa. Para essa condição, é necessário o desenvolvimento de leitores críticos e capazes de, mais do que ler, interpretar, relacionar e compartilhar aquilo que leram. Conforme Azevedo e Mason (2007, p.29), “o desenvolvimento de competências para a formação de leitores críticos e comprometidos passa, em larga medida, por conceder aos gestos e aos lugares para a sua efectivação uma atenção privilegiada”.

A educação literária é o caminho para formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, uma vez que passam a exercer reflexões e críticas sobre o mundo. Assim, é a capacidade de ler que vai permitir aos indivíduos adquirir e desenvolver as competências para o exercício da cidadania. Nessa direção, Azevedo (2006, p.3) ressalta como imprescindível

[...] estimular nos alunos o desenvolvimento de competências que lhes possibilitem a aprendizagem do saber agir *na* língua e *pela* língua e que lhes permitam, em função dos contextos de uso [...], construir textos discursivamente adequados às múltiplas finalidades específicas dos jogos de actuação comunicativa nos quais eles se movimentam e intervêm.

Alves (2016) defende que a educação literária se inicia no momento em que a

criança passa a significar as suas experiências. Essa afirmação corrobora a conhecida frase de Freire (1989): “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Atribuir significado para as próprias experiências envolve significar os acontecimentos, os artefatos culturais com os quais nos deparamos, significar sentimentos e pensamentos, significar as relações com as pessoas. É inserir-se no mundo interpretando e compreendendo o que está ao redor. Nesse sentido, esse complexo processo tem início muito antes de se aprender a ler e a escrever as palavras.

No entanto, vive-se em uma sociedade grafocêntrica, na qual tudo a volta de cada indivíduo se mostra na forma escrita, nos mais diversos âmbitos do dia a dia. Assim, a escrita, como forma de comunicação entre os homens tornou-se fundamental na vida cotidiana, organizando os processos, da mesma forma que a leitura. Segundo Higa (2015, p. 18)

utilizamos cada vez mais da tecnologia criada, de modo que seu domínio se faz necessário para comunicar, dialogar, organizar, registrar, difundir e impor, além de outras funções. [...] Portanto, o domínio da leitura e escrita foi se impondo como necessário para atuação do sujeito em diversos contextos sociais, pois a sociedade organizou-se tendo como um dos pilares a escrita e, conseqüentemente, a leitura.

Para isso, são necessárias condições especiais que envolvem “um ambiente rico e estimulante em produtos culturais de elevada qualidade, como a literatura, em conjunto com a presença de mediadores conscientes do seu papel [...]” (AZEVEDO, 2006, p. 5). No entanto, a formação do leitor

não é de responsabilidade única da escola. É fundamental o estímulo por parte das diferentes agências sociais – família, escola e poder público – fazendo com que a leitura seja incentivada e os livros sempre estejam à volta dos indivíduos. É pela atividade de leitura literária, que as crianças, desde cedo, passam a ter a oportunidade de tornarem-se leitores que realizam leituras por prazer, desenvolvendo comportamentos leitores, seja na escolha dos textos ou na reflexão e no diálogo com os outros, sobre aquilo que leram.

As bibliotecas são espaços históricos e socialmente reconhecidos e que podem trazer contribuições para a concretização de experiências leitoras. Desenvolver critérios para seleção de livros, realizar leituras de obras diversas e poder compartilhar suas impressões com outros frequentadores das bibliotecas pode ser um caminho bastante promissor para a formação do leitor. Segundo Santos (2010), o aparecimento das bibliotecas no Brasil ocorreu a partir do século XVI, com a instalação do Governo Geral, na Bahia. Coincide com o início do sistema educacional no país com o surgimento dos conventos de diversas ordens religiosas, responsáveis pela formação dos primeiros acervos de livros. Porém, ficavam sob a posse da igreja e, apenas com a reforma protestante inicia-se a tradução de algumas escrituras que, mesmo assim, eram de domínio dos monarcas, deixando a população, analfabeta e marginalizada, ouvindo-as apenas através dos cultos religiosos. Com o passar dos séculos, as transformações históricas e sociais promoveram importante mudança – as bibliotecas dos conventos e particulares passam a ser bibliotecas públicas.

Souza e Motoyama (2014, p. 155) ressaltam que “a biblioteca em cada

momento histórico ocupou uma função diferente, mas sempre com o intuito de preservar os saberes e a cultura produzida pela humanidade". Estas mudanças fizeram com que se passasse a ter a caracterização das bibliotecas públicas encontradas atualmente, uma vez que é direito de todos o acesso às bibliotecas públicas existentes no país.

Foi no século XX, que educação e bibliotecas passaram a ser consideradas elementos de constituição da sociedade. Mas, no contexto brasileiro, em razão do baixo índice de alfabetizados e a forte expansão dos meios de comunicação em massa, a formação do leitor ficou reduzida apenas à finalidade de busca de informação. Somando-se a esse cenário, a reforma educacional de 1971 oficializa a prática da pesquisa na escola e as bibliotecas públicas passam a ser o espaço para alunos realizarem os seus trabalhos escolares – bibliotecas públicas se reduzem a bibliotecas escolares. Desta forma, constrói-se um ideário cultural de biblioteca relacionada ao estudo e à pesquisa, muito distante da fruição, do deleite e do lazer (BORBA; MARTINS, 2015). Constata-se a falta de políticas nacionais que levassem em consideração, exclusivamente, as bibliotecas escolares, observando-se, apenas, ações locais e específicas, de curta duração, deixando as bibliotecas escolares desamparadas no que diz respeito às políticas educacionais.

De acordo com Sala e Militão (2017), somente na década de 1990, observa-se políticas nacionais com o objetivo, ainda inicial, de divulgar parâmetros para o desenvolvimento de bibliotecas escolares. É em 1997 que se observa um impulso com a criação, pelo governo federal, do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola). O objetivo é levar até as escolas da rede pública

cadastradas, obras literárias dos mais diversos gêneros para compor o acervo da escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, s/d). Brandão (2017) apresenta que o PNBE contempla "todas as categorias de ensino da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos)". O PNBE é de responsabilidade e financiado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

Conforme consta no site do Ministério da Educação – MEC – (<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>)

O programa divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

De acordo com o site do FNDE, a distribuição das obras ocorre de forma centralizada, com apoio logístico das escolas públicas e secretarias municipais e estaduais. As obras são entregues de forma alternada para as escolas: em anos pares são enviados às escolas de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens

e adultos e nos anos ímpares enviadas às escolas dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Segundo Alves (2014, p. 107), o propósito do PNBE, é “suprir um problema grave: a tradicional ausência de obras literárias nas escolas públicas”. O Programa visa a democratização e acesso de obras de literatura, tanto brasileiras quanto estrangeiras a todas as escolas públicas do país.

O PNBE mostrou-se um importante passo para a formação de acervos de boa qualidade em diversas escolas públicas e a socialização de obras literárias. A quantidade de obras distribuídas, de acordo com a pesquisa realizada por Alves (2014) era bastante significativa. Além disso, Paiva e Berenblum (2009) apontam para o fato do PNBE ter mobilizado esferas municipais e estaduais de administração da educação na aplicação de recursos para aquisição de livros para equipar as bibliotecas escolares. Entretanto, as autoras alertam que a democratização do acesso a obras literárias por si só não é suficiente para transformar o trabalho com a leitura realizados nas escolas.

A falta de instruções para o uso dos livros é bastante criticada por estudiosos da área da educação. Alves (2014, p. 108) demonstra que as

obras chegam à escola, mas, na grande maioria das vezes, não há um trabalho de formação de leitores e nem, anteriormente, um trabalho de formação de mediadores. Decorrente desta situação (ou consequência dela), o fato é que os acervos são quase sempre desconhecidos dos professores dos diversos níveis de ensino.

O autor aponta para a falta de estímulos para o uso dos livros. As obras vão para as escolas, mas, em alguns casos, não

são bem aproveitadas e muitas vezes nem conhecidas pelos professores, apesar da excelente qualidade. No processo de formação de leitores, possuir o livro ao alcance dos alunos é um passo bastante importante, entretanto não é o único. A formação de leitores, se dá através do incentivo à leitura e da formação adequada de mediadores.

Paiva e Berenblum (2009, p. 174) demonstraram em pesquisa diagnóstica sobre o PNBE que “o volume de obras distribuído e o investimento total realizado contrastavam, muitas vezes, principalmente quanto ao uso e ao destino dos livros e com a situação estrutural das escolas”. Esse fato demonstra que o Programa contempla seu objetivo de distribuição de livros de boa qualidade, mas deixa as escolas, com pouca estrutura ou gestão fragilizada, desamparadas no que se refere à forma de utilização dos livros entregues e à educação literária. As autoras também mencionam que um Programa para a formação de bibliotecas nas escolas, como esse, não deve ser desvinculado das necessidades de formação de professores que se caracterizam como os principais autores de estímulo à leitura no espaço escolar.

Brandão (2017) destaca que, apesar da fragilidade do Programa, não se pode desconsiderar a eficácia e cumprimento de seus objetivos propostos – viabilizar o acesso a livros de boa qualidade nas escolas da rede pública do país, formando, assim, um acervo literário diversificado com coleções de literatura, de pesquisa, de referência e outros materiais, relativos ao currículo das áreas de conhecimento de educação dentro das escolas. No entanto, o último registro informado no site do FNDE de envio do acervo às escolas data o ano de 2014.

Para o funcionamento de uma biblioteca visando à formação do leitor, não basta a estrutura física. Para Souza e Motoyama (2014) espaços bem organizados e pensados para recepcionar de forma acolhedora os educandos tornam-se fundamentais para atrair os indivíduos para o universo da leitura. Mas, além da estrutura física, o bibliotecário deve ser aquele que estimula e promove a leitura e mostra novidades que despertem o interesse dos indivíduos. A biblioteca deve ser um espaço motivador de interesses e incentivador de partilha de conhecimento. Borba e Martins (2015, p. 114) destacam que “a função da biblioteca vai além do auxílio à procura dos livros. Sua missão está voltada para a ampliação da cultura, para as mais variadas formas de expressão cultural, recepcionando todos os públicos, dando-lhes acesso a experiências estéticas e a valorização da cultura”.

A biblioteca, deve ser compreendida como um espaço prazeroso, de formação de leitores e desenvolvimento coletivo de práticas culturais. Para tal, deve ser dinâmico e não apenas um depósito organizado de livros, proporcionando atividades culturais, lúdicas e interativas para os usuários que a frequentam. O investimento no acervo com livros atuais, das mais diversas áreas e na formação do adulto mediador, seja ele bibliotecário ou professor, é também fundamental.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa quanti-qualitativa, assumindo que a articulação de dados quantificáveis com dados qualitativos mostrou-se importante para os propósitos do estudo. Os dados quantitativos foram obtidos por meio do acesso ao site da Secretaria de

Educação do Governo Federal, para a localização das escolas municipais e estaduais de Campinas, tanto de educação infantil, como de ensino fundamental, pelo PortalQEDu³, para informações sobre a instituição, incluindo a existência ou não de bibliotecas. Por meio de contato telefônico ou e-mail realizou-se uma consulta confirmando a informação que constava no Portal. Nesse levantamento, as escolas privadas não entraram. Pelo Google e pelo site da Prefeitura Municipal de Campinas foi feita a identificação e localização das bibliotecas públicas em funcionamento na cidade. Em posse desses dados, o contato telefônico viabilizou o agendamento das entrevistas e visitas para a observação do espaço com registro em diário de campo (parte qualitativa da pesquisa). Para esses procedimentos foi necessária a autorização da coordenadora das bibliotecas da cidade. As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento do (a) bibliotecário (a), mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

A cidade de Campinas (SP) possui seis bibliotecas públicas em funcionamento. No que se refere às bibliotecas escolares em escolas públicas, utilizou-se a definição do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que classifica como bibliotecas escolares, os espaços que contam com a presença de bibliotecários. No caso de escolas que possuem locais com acervo literário sem a

³ Portal aberto e gratuito que contém informações sobre a qualidade do aprendizado e questões estruturais de escolas de todo o país (<https://www.qedu.org.br/>)

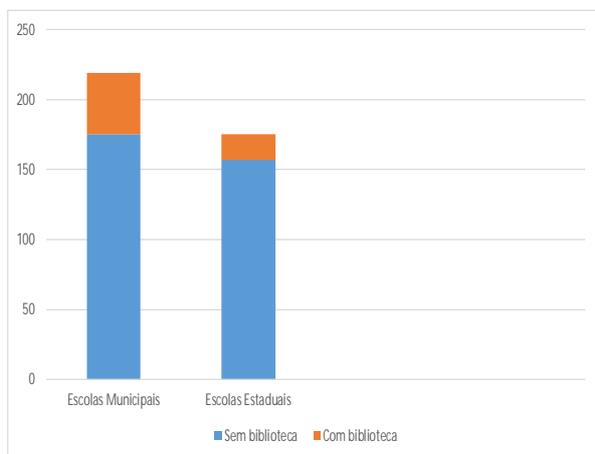
presença de bibliotecários são identificados como salas de leitura.

AS BIBLIOTECAS EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS

Segundo as informações obtidas pelo site da Secretaria de Educação do Governo Federal, Campinas tem 394 escolas que oferecem a educação infantil e o ensino fundamental, das quais 175 são estaduais e 219 municipais. Deste total, segundo informações do Portal QEdu, 62 delas possuem biblioteca escolar – em 18 escolas estaduais e 44 municipais – isso representa quase 16% do total de escolas, distribuídas em 10% das escolas estaduais e 20% das escolas municipais. Considera-se esse percentual bastante baixo em relação ao total de escolas que não indicaram ter tal espaço (84%).

O gráfico apresentado na Figura 1 contribui para melhor visualização deste cenário:

Figura 1: Identificação da existência de bibliotecas escolares em relação à quantidade de escolas municipais e estaduais na cidade de Campinas



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Essas escolas atendem a crianças e adolescentes que se encontram em um processo de escolarização de base e envolve, entre outras coisas, o compromisso com a formação do leitor. Dessa forma, a carência de bibliotecas, na grande maioria das instituições se mostra preocupante no que diz respeito à educação literária desses alunos. Como apresentado por Azevedo e Mason (2007) os indivíduos não nascem leitores, mas se fazem leitores e é na presença de um ambiente estimulante e rico de produtos culturais e mediado por profissionais com formação para incentivar a leitura na mais tenra idade, que se contribui muito para o desenvolvimento da educação literária e da formação de leitores. As bibliotecas são um espaço para que isso aconteça na vida acadêmica dos estudantes, demonstrando a importância da presença desses ambientes nas escolas, para que seja possível um trabalho completo no desenvolvimento de competências leitoras.

A partir das informações obtidas pelo Portal QEdu, realizou-se o contato, por telefone, com os funcionários das escolas para a confirmação das informações encontradas. Em alguns casos, as informações obtidas no site não corresponderam à realidade da escola, por não contarem com um bibliotecário responsável. Nesse caso o ambiente era classificado como sala de leitura. Assim, das 62 escolas municipais e estaduais, apenas 26 confirmaram ter biblioteca, sob a responsabilidade de um profissional bibliotecário ou um funcionário específico para essa função. Vinte escolas informaram ter salas de leituras e em 16 escolas não foi possível fazer o contato para confirmação, em razão da suspensão das aulas em março de 2020, em virtude da pandemia de COVID-19. Com o retorno do trabalho presencial das

equipes gestoras das escolas públicas, no mês de setembro de 2020, foi possível retomar o contato, que embora com pouca efetividade, diante de um cenário ainda de pandemia, possibilitou o agendamento de uma entrevista com uma bibliotecária de uma escola estadual. A entrevista foi realizada via o aplicativo WhatsApp, por meio de chamada de vídeo.

Das 26 escolas que informaram ter biblioteca, duas delas contavam com bibliotecários formados, sete com estagiários de biblioteconomia e 17 contavam com funcionários readaptados. Portanto, é uma quantidade pequena de escolas que usufrui bibliotecários formados como responsáveis e, ainda um deles realizava trabalho voluntário na escola. De acordo com a coordenadora informante, foi esse bibliotecário que reorganizou todo o espaço da biblioteca da instituição. Há a presença, embora pequena, de estagiários graduandos de biblioteconomia, que atuam nas instituições cumprindo meio período de trabalho. Entretanto, na Rede Pública de Educação de Campinas há poucas vagas para a contratação de estagiários de biblioteconomia. Assim sendo, a grande parte das bibliotecas escolares conta com funcionários do Programa de Reinserção Funcional, adaptando servidores em outras funções que não a de ingresso no sistema público de ensino. Os funcionários reinseridos, normalmente são professores, agentes de educação infantil ou monitores infante-juvenil que apresentam algum tipo de limitação de saúde, física ou mental, que os impede de atuar em seus cargos de origem. De acordo com a limitação diagnosticada pelo serviço médico, a equipe gestora avalia se esse profissional tem perfil para atuar e desempenhar as funções na biblioteca escolar, com base em um projeto

de trabalho, elaborado pelo servidor em questão, em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar.

Embora não possua formação em biblioteconomia, o funcionário readaptado pode vir a ser um pedagogo ou formado em curso de licenciatura e, desta forma, ter condições de explorar, educacionalmente, o espaço pelo qual é responsável.

A bibliotecária escolar entrevistada expôs suas percepções em relação ao trabalho literário e importância das bibliotecas escolares na formação de leitores. Também contou sobre o trabalho voluntário que desenvolve para a revitalização do espaço da biblioteca na escola, que estava fechado há anos e sem nenhum responsável que pudesse organizar e orientar os alunos. Contou que essa iniciativa partiu dos próprios alunos:

Eu fiquei encantada com os alunos porque eles tinham realmente vontade, mas o trabalho era muito grande porque a gente teve que começar do zero, era muita sujeira, então a gente teve que começar a limpeza primeiro.

Explicou que seu trabalho no projeto era o de orientar e auxiliar os alunos na limpeza para o início da revitalização do local. Porém, o volume de trabalho foi dispersando os interessados em ajudar, até que, atualmente, um ano depois do início do projeto, apenas ela permaneceu. Para a entrevistada, a biblioteca é um espaço de aprendizagem que precisa ser agradável e atraente a seus frequentadores. Destaca também o papel de mediador do responsável pelo local, visando à formação dos alunos:

A biblioteca escolar não é um lugar que tem que ter entulho, que as pessoas vão chegando e vão

deixando tudo, eles fazem descarte [...] A biblioteca escolar ela vai além de você guardar livros, serve como um ambiente de aprendizagem, então ela tem que ser um ambiente gostoso, um ambiente claro, um ambiente aconchegante. O bibliotecário, ele tem que estar disposto a pegar para ele aquilo lá e colocar à disposição dos alunos.

Essa preocupação da bibliotecária vai ao encontro dos estudos de Higa (2015) em relação à valorização das bibliotecas e, em especial as bibliotecas escolares, na promoção de projetos que visam transformá-las em “Estações de Conhecimento”, colocando, assim, os estudantes não como meros consumidores, mas agentes atuantes.

A bibliotecária explicou que a proposta era de iniciar com a limpeza e depois passariam para a classificação, catalogação e processos técnicos da biblioteconomia. De acordo com ela, o critério de organização do acervo seria por áreas do conhecimento de forma a facilitar o trabalho do funcionário que vier a ser responsável pelo local, quando a biblioteca estiver montada. A forma escolhida para a separação das áreas se deu por cores. O acesso à internet facilitaria o registro dos livros e a utilização de softwares específicos para a organização do acervo, agilizaria o trabalho e o atendimento aos alunos. Além disso, a bibliotecária destacou a falta de recursos financeiros, enviados pelo Estado, que impossibilitam a aquisição de novos mobiliários, como estantes, por exemplo, pois muitas estavam quebradas e/ou enferrujadas.

Para a entrevistada, mesmo diante de todas as dificuldades encontradas, o mais importante é viabilizar o acesso ao espaço para que os alunos possam frequentar e usufruir do que é possível oferecer:

[...]o acesso é o mais importante, então não importa de como ele seja, o importante é que o aluno consiga ir lá e pegar esse livro. Então é isso que me deixa feliz, sabe? De saber que não importa de como está sendo feito o trabalho, mas que o trabalho vai chegar ao final, assim, e que o aluno vai conseguir.

Para que as escolas tenham esse espaço funcionando efetivamente, defendeu a ideia de que os bibliotecários dentro das escolas são tão importantes quanto outros funcionários. A bibliotecária chamou a atenção de que na cidade de Campinas as bibliotecas e bibliotecários estão alocados na área da cultura e não na educação, isso, para ela, dificulta a inserção de bibliotecários nas escolas, pois não existe um concurso, por exemplo, para bibliotecários escolares. Dessa forma, a falta de articulação desses dois órgãos acarreta a defasagem de profissionais da ciência da informação dentro das bibliotecas escolares.

Souza e Motoyama (2015) chamam a atenção para a importância da estruturação das bibliotecas como espaços prazerosos que sejam aconchegantes para atrair os indivíduos ao universo literário. Entretanto, a estrutura física e o acesso aos livros não são suficientes para o desenvolvimento de leitores competentes. Para Higa (2015) os bibliotecários e agentes que atuam no espaço da biblioteca são tão necessários quanto a democratização do acesso aos livros e a estrutura física do local, no que diz respeito à aproximação do leitor às obras. Pois será o responsável pelo espaço, aquele que indicará obras, incentivará a leitura e proporcionará um momento de aprendizagem diferente do formal.

A entrevistada defendeu a biblioteca como espaço fundamental na formação do leitor. Para ela, mesmo que o ambiente não

seja usado de forma técnica, considerada como a mais adequada, ele deve ser utilizado e os alunos devem ter acesso a ele. Ela acrescentou ainda a importância de se apresentar a biblioteca à criança o quanto antes, pois é na educação infantil que se inicia o conhecimento sobre literatura e a inserção das crianças nas bibliotecas fará com que se familiarizem com essa prática e passem a frequentá-las.

[...] A criança aprende ir na biblioteca, que a biblioteca é um lugar que ela vai lá, que ela folheia, que ela “fuça” lá na estante, ela olha, ela vê o que tem, ela senta na mesinha... Que seja um espaço lúdico bonito, colorido... Ela tem vontade de voltar, ela vê aquele espaço, primeiro como um espaço lúdico porque vai ser o espaço bonito e colorido. Ela cresce naquele ambiente. Então eu penso que a biblioteca tem que ser inserida já no início e isso é crucial.

Ao mesmo tempo que vê um grande potencial na biblioteca como formadora de leitores, ressenete-se por não ser explorado ao máximo, pois, ainda não existem tantos incentivos para trabalhos desenvolvidos nesses espaços. Considerou que a escola desempenha um importante papel na educação literária das crianças e adolescentes, mas a família deve ser uma aliada a dar o exemplo de leitores. E dessa forma, a literatura e hábito da leitura devem ser introduzidos desde cedo com as crianças. Pois é através do exemplo e mediação que as crianças tomam o gosto pela leitura. Além disso, a bibliotecária defende que a literatura apresentada para as crianças deve estar de acordo com o cotidiano de cada um. Ela diz, que a literatura clássica, é sim, importante de ser apresentada, mas além disso, a literatura

de cultura pop, infanto-juvenil deve ter seu papel como incentivadora do hábito da leitura.

[...] as pessoas pensam muito na literatura aquela literatura, sabe, Machado de Assis, assim... Eu acho que a literatura tem que vir para o cotidiano. [...] Então, tem que ser uma coisa mais leve. [...] Eu acho que a educação literária também é isso eles têm sim que ler coisas importantes que realmente façam eles pensarem eles serem pessoas críticas, eu concordo. Mas eu acho que primeiramente, eles têm que pegar o gosto pela leitura não pode ser uma coisa maçante, senão eles desistem. Porque tem coisa mais interessante, tenho celular e não sei o quê... então a competição é grande [...] eu acho que tem que começar pelos pequenos, tem que incentivar eles. Então eu acho que a educação literária é isso.

A fala da bibliotecária é contemplada nos estudos de Azevedo (2006) sobre o incentivo à leitura desde cedo. Para o autor, as crianças passam a se familiarizar com os livros e o mundo literário e assim, passam a construir um vínculo com a leitura. E como já mencionado, o trabalho de incentivo à leitura não deve ser de responsabilidade apenas da instituição escolar, mas a formação de leitores deve acontecer por meio de um conjunto de ações envolvendo também a família e o poder público; uma responsabilidade de toda a sociedade. Na mesma direção, a motivação para leitura e a valorização do contexto em que as práticas da leitura ocorrem devem envolver todos a volta do indivíduo e valorizar também a sua cultura (AZEVEDO; MASON, 2017). Essa defesa se relaciona à fala da bibliotecária no que diz respeito ao trabalho e incentivo da

leitura de obras que sejam convidativas aos alunos.

Em relação ao acervo da escola que a bibliotecária desempenha seu trabalho voluntário, ela calcula que haja 12 mil itens, constituindo um acervo grande e antigo. Porém, não soube informar a origem desses livros, devido ao pouco tempo que desempenha sua função na escola. Como a biblioteca permaneceu fechada por um longo período, contou que vários livros foram descartados por causa do bolor. Já em relação aos livros mais antigos presentes no espaço, a ideia é de montar um museu para a apreciação dos alunos e da comunidade escolar.

É muito livro antigo [...]Então a gente vai fazer um cantinho de história, um cantinho de museu. Ai uma boa parte da biblioteca a gente tirou para isso.

Quando questionada sobre o PNBE a bibliotecária, por não saber a origem do acervo da escola, não soube informar sobre a atuação do Programa dentro da biblioteca escolar na qual ela realiza seu trabalho. Mas, de acordo com ela, não houve entrega de itens novos de nenhum programa governamental, durante o tempo em que está lá.

Os estudos de Duarte e Spudeit (2018) com bibliotecas escolares, públicas e privadas, confirmam o vivido pela bibliotecária entrevistada. Vários profissionais buscam mudanças nas práticas de atuação, tendo em vista a melhoria do ensino e da aprendizagem, envolvendo tanto professores como alunos, mas são iniciativas isoladas e iniciais.

AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA CIDADE DE CAMPINAS

Segundo o site da Prefeitura Municipal de Campinas e do Google, Campinas tem seis bibliotecas públicas. Com a autorização dada pela coordenadora das bibliotecas da cidade, algumas entrevistas foram realizadas, mas em razão do isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 foi necessária a suspensão das atividades de campo, pois ocorreu o fechamento das escolas e bibliotecas públicas. As entrevistas foram realizadas em três das seis bibliotecas da cidade. As observações aconteceram durante e após a realização das entrevistas, com o objetivo de conhecer o espaço físico de cada uma, bem como a movimentação de público. Todas as entrevistas foram realizadas em dias úteis da semana, pois nenhuma das bibliotecas abre aos fins de semana. O horário de funcionamento é das 8h30 às 16h30 ou das 9h às 17h. As bibliotecas que estão localizadas em bairros da cidade fecham por uma hora ou uma hora e meia para o almoço. As duas bibliotecas públicas que se localizam no centro da cidade, ao lado da Prefeitura Municipal não fecham para o almoço.

As entrevistas pautaram-se por questões a respeito do funcionamento, dos frequentadores, do acervo, das atividades realizadas com a comunidade, verbas, entre outras informações que iam surgindo durante a conversa sobre cada biblioteca. Após a realização das entrevistas, todas foram transcritas.

A primeira visita foi à **Biblioteca Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá** localizada no interior de uma praça da cidade bastante arborizada e com um parquinho para crianças. A biblioteca está em ótimo estado de conservação. Tem as

paredes pintadas e decoradas tanto na parte interna quanto externa. Ao aproximar-se do prédio é possível visualizar logo na parede lateral, uma citação de Joaquim Manuel de Macedo, pintada: *“Não sei, não posso dizer quantas vezes nessa noite, furioso, lancei mão da luneta mágica para quebrá-la; mas, com vergonha o confesso, nunca tive ânimo bastante para realizar o meu pensamento”*, extraída da obra *“A luneta mágica”*, o que já torna este espaço atrativo e convidativo à leitura. As Figuras 2 e 3 mostram a fachada externa da biblioteca, com destaque para a citação mencionada.

Figura 2. Entrada da biblioteca



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 3. Muro da biblioteca com a citação



Fonte: Acervo das pesquisadoras

A biblioteca apresenta um recinto, térreo, arejado, bem iluminado e organizado, com bastante espaço para que as pessoas possam passar o tempo. De acordo com a bibliotecária, a faixa etária que mais frequenta o espaço é composta, majoritariamente, por adultos, mesmo a biblioteca oferecendo conteúdo para crianças e adolescentes, como por exemplo, o espaço da gibiteca, que contempla um acervo de gibis e quadrinhos e com prateleiras mais baixas para facilitar o alcance das crianças. As Figuras 4 e 5 mostram a recepção logo na entrada da biblioteca e o espaço destinado ao público infantil.

Figura 4. Recepção: visão frontal



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 5. Espaço da Gibiteca



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Para envolver os frequentadores, são realizadas, durante o ano, algumas atividades, como por exemplo, exposições, hora do conto, troca de livros, promoção de encontros para que as pessoas possam fazer artesanato e crochê. A proposta também visa ampliar os frequentadores. No entanto, a divulgação dessas atividades é restrita à comunidade local e conhecedores da biblioteca.

A bibliotecária contou que o espaço de convívio precisou se adaptar às mudanças ocorridas ao longo do tempo, acompanhando as necessidades do público frequentador. Atualmente, o local é lugar onde as pessoas se socializam e têm oportunidades de desfrutar momentos prazerosos, além de ser um ambiente para a pesquisa e para leitura. Com o avanço da tecnologia, a facilidade ao acesso à informação se intensificou e está mais viável aos jovens estudantes atualmente. Isso fez com que as pesquisas demoradas, que antes eram feitas nas bibliotecas, diminuíssem drasticamente. Dessa forma, o número de mesas para estudos foi reduzido, ao passo que o número de cadeiras estofadas, para o convívio, aumentou. Há um grupo de senhoras que se reúnem no espaço da biblioteca para a confecção de toucas de crochê para crianças com câncer, uma vez por semana e levam bolo e café para todos os participantes.

Em relação ao acervo, ele é bastante diversificado e composto por opções de todas as áreas do conhecimento e gêneros literários. Para sua ampliação e manutenção, conta com doações de livros. Em alguns casos, por meio de projetos da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, é possível a aquisição de novas obras. O acervo está organizado em estantes identificadas por gênero e/ou área de conhecimento de acordo com cada livro catalogado. Algumas

estantes apresentam espaços vazios, o que sugere que poderia haver mais obras expostas e disponíveis ao público. As condições de organização e de limpeza são muito boas. As Figuras 6 e 7 mostram a organização do espaço de convivência e parte do acervo.

Figura 6. Espaço de convivência



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 7. Organização do acervo



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Ainda sobre o acervo a bibliotecária explicou seu funcionamento:

A gente tem na parte circulante, que o usuário, a pessoa, vem faz uma carteirinha e fica sócio da biblioteca e pode levar para casa dois livros daqui da parte circulante e cinco da infanto-juvenil. Então ela faz essa

carteirinha e pode levar durante 15 dias. E tem a parte de pesquisa que são livros, assim, mais específicos das áreas do conhecimento.

Sobre os livros para pesquisa a bibliotecária informou que, geralmente, há apenas um exemplar, mas ainda ocorre o empréstimo desses livros. Entretanto, há uma restrição em relação ao tempo de duração do empréstimo e orientações a respeito do cuidado com os exemplares. Os livros mais procurados e mais lidos pelos frequentadores são os romances. A movimentação da biblioteca, atualmente, se dá mais com a retirada de livros. De acordo com a bibliotecária, o hábito de realizar pesquisas deixou de ser comum no espaço há algum tempo, como pode ser observado nesse trecho:

Mais retirar livros. Porque as escolas hoje elas não têm mais aquele perfil de exigir do aluno uma pesquisa que vá à biblioteca, geralmente. Então hoje em dia não existe mais pesquisa, muito pouco assim, as pesquisas na biblioteca.

Esse comentário remete às mudanças em relação às novas demandas – o espaço de estudo dá lugar aos espaços de convívio. Durante o tempo de permanência das pesquisadoras no espaço, nenhum usuário esteve presente na biblioteca.

A segunda visita foi na **Biblioteca Distrital de Sosas Guilherme de Almeida**, localizada no centro de Sosas, distrito de Campinas. O espaço lembra o de uma casa. A divisão do local é feita pelos cômodos e o acervo de livros encontra-se bem organizado por temáticas, facilitando rapidamente a visualização do que se procura. O espaço é gerenciado por três funcionários, dois funcionários servidores públicos e um

monitor do Programa Juventude Conectada⁴. As figuras 8 e 9 mostram a entrada e recepção da biblioteca.

Figura 8. Entrada da biblioteca



Fonte: Acervo das pesquisadoras

⁴ Trata-se de uma iniciativa do governo municipal para promover inclusão digital e social, por meio de acesso gratuito à tecnologia da informação nos telecentros comunitários implementados nos diferentes territórios da cidade. Prevê a formação e atuação de jovens de 15 a 29 anos com oferta de bolsas pedagógicas e uma grade de formação em cidadania e desenvolvimento pessoal, cultura digital e gestão de telecentros, preparando esse jovem para atender o público do telecentro com a realização de oficinas e acesso livre à internet bem como, para o exercício da cidadania e o mercado de trabalho (<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/assistencia-social-seguranca-alimentar/juventude-conectada.php>)

Figura 9. Recepção



Fonte: Acervo das pesquisadoras

O bibliotecário contou que a faixa etária dos frequentadores vai dos 0 aos 80 anos:

[...] A gente tem um espaço infantil que atrai as pessoas. É interessante mesmo, porque é com graminha, com uma casinha, vários brinquedos que são livros e livros que são brinquedos e por outro lado a gente tem, por exemplo, um grupo de estudos de Guimarães Rosa que tem senhoras, por exemplo, acima de 80 anos.

Dentre essa amplitude de faixa etária, não existe uma que se destaca em relação à assiduidade, ou seja, todos frequentam em alto grau, conforme as informações do bibliotecário.

[...] Então bebês, mães... [...] após o almoço uma passada pela biblioteca

para ler um livro para criança, pegar um livrinho. Agora os mais de idade, por exemplo, vêm no período da manhã, pegam livros, fazem os empréstimos. Esses já têm uma vivência com a biblioteca do período, vamos dizer assim, pré-internet. Então para eles é tranquilo. Para as mães que eu estava falando antes, já a percepção de que criar, talvez até no subconsciente das crianças uma relação interessante com a biblioteca. [...] para os jovens, tem ainda a questão de fazer os trabalhos escolares, então eles se juntam aqui para fazerem trabalhos escolares, para se incentivarem nos vestibulinhos, nos vestibulares. Enfim, isso é comum. Então todas as faixas etárias mesmo. Eu acho que é difícil saber qual sobressai.

As figuras 10 e 11 ilustram o espaço infantil mencionado pelo bibliotecário.

Figura 10. Espaço Infantil



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 11. Espaço Infantil



Fonte: Acervo das pesquisadoras

É comum que escolas façam trabalhos com a biblioteca para incentivar as crianças a frequentarem esses espaços que a cidade possui. A biblioteca realiza durante o ano diversos eventos, que têm suas postagens nas redes sociais, com convites abertos ao público, e constantes atualizações feitas pelos próprios funcionários. Segundo o bibliotecário,

Durante o ano sempre tem contação de histórias, palestras. [...] são parcerias que feitas pela prefeitura, muitas vezes. Então, estão disponíveis. Têm projetos de incentivo da prefeitura, para divulgação de livro, por exemplo. E o escritor vem conversar com o público e aí a gente aproveita, nesse momento, e convida os professores para cá.

Em relação à composição do acervo, a maioria dos livros é adquirida por doação, principalmente dos moradores da região. Conta com os mais diversos tipos de livros, mas, existem alguns temas ainda em falta, como por exemplo, temas relativos à cultura africana. São parte do acervo livros voltados para a literatura, filosofia, religião, sociologia, matemática, gramática, língua, livros em

outros idiomas, francês, inglês, assim como os de história, geografia, os infanto-juvenis, quadrinhos, livros de borracha para criança, livros que são brinquedos, há ainda assinatura de jornal e a possibilidade de acesso à internet. Os livros requisitados, nesta biblioteca, vão de acordo com as idades. Os frequentadores mais antigos estão bem familiarizados com o funcionamento do local:

[...] a gente organiza por assunto, então um livro de terror, por exemplo, russo, vai ficar junto com um livro, de romance, também, russo. Então, temos o setor literatura russa. [...] mas como esses senhores já têm uma vivência de biblioteca diferente dos jovens, eles chegam aqui e falam assim, por exemplo: 'onde estão os livros russos?' Enquanto os jovens chegam aqui e perguntam onde estão os de terror? Independente da nacionalidade, entendeu?

Os jovens procuram best-seller e o público infantil procura livros como "Diário de um banana". Há uma preocupação das mães em introduzir a literatura mais clássica:

Aí tentam introduzir Monteiro Lobato, Eva Furnari. Enfim. Também tem uma forte procura por gibis. Então, a gente tem, por exemplo a Turma da Mônica Jovem, que é uma coleção com 60 e poucos gibizinhos e muito procurada. E outros também. Os gibis, os HQs, essas coisas, são bastante procuradas.

A figura 12 mostra a área para os HQs e gibis e a figura 13 mostra o espaço reservado para as aulas de informática.

Figura 12. Espaço de gibis



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 13. Sala de Informática



Fonte: Acervo das pesquisadoras

A biblioteca conta com acesso à internet e um técnico responsável que disponibiliza aulas para os interessados. O bibliotecário contou que essas aulas se adaptam às demandas dos usuários. Por exemplo, alguns senhores estavam pedindo

ajuda para explorar smartphones e o técnico havia organizado uma aula para tal.

Durante o tempo de permanência da pesquisadora na biblioteca houve um movimento interessante de frequentadores, que pediam informações sobre os livros e para fazer empréstimos. Houve até contato com a biblioteca por telefone.

A terceira biblioteca visitada foi a **Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manuel Zink** localizada ao lado do prédio da prefeitura da cidade, na região central. É a maior das bibliotecas visitadas. Há uma escadaria na frente, mas ao lado existe rampa acessível. Logo na entrada da biblioteca, há uma funcionária para oferecer chave para guardar bolsas e mochilas nos armários disponibilizados no local. As figuras 14 e 15 apresentam os espaços mencionados:

Figura 14. Entrada da biblioteca



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Figura 15. Armários para guardar bolsas/mochilas



Fonte: Acervo das pesquisadoras

O espaço interno é bastante grande, conta com diversas estantes separadas por setores e muitas mesas e cadeiras. Por ser um espaço tão grande e ter apenas ventiladores, o ambiente estava um pouco quente. Há bebedouros disponíveis para os usuários. A presença de muitas janelas e mobiliário claro faz com que o espaço se mostre bem iluminado.

Trabalha na biblioteca um grupo de mais de 15 funcionários que desempenham diversas funções. Dentre este grupo, a bibliotecária relatou que há membros que estão cumprindo trabalho socioeducativo.

São oito que são da casa, são efetivos. Uma emprestada pela Prefeitura de Hortolândia. Eu tenho duas terceirizadas. Uma estagiária. O João⁵, na verdade, ele é contratado pela IMA⁶, seria pela prefeitura, mas

⁵ Nome fictício.

⁶ Informática de Municípios Associados, fundada em 1976, é uma empresa de economia mista cujo maior acionista é a Prefeitura de Campinas. A IMA presta serviços nas áreas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), Cidades Inteligentes e Inovação com foco em Gestão Pública. Conta com cerca de 900 funcionários e

é da IMA. E eu faço uso ultimamente das pessoas que têm que cumprir trabalho comunitário. Tem que! Eu faço uso desse trabalho também. Estão ajudando na higienização e na manutenção.

De acordo com a bibliotecária pessoas de todas as idades frequentam o local, seja para realizar pesquisa ou até ler o jornal, em um ambiente movimentado.

[...] as pessoas que moram próximo, elas vêm ler jornal aqui. Então, eu considero a assiduidade desse público. Nós temos pessoas que fazem o uso da internet, estão estudando, ficam aqui durante um bom tempo. Têm as pessoas que são mais frequentes no setor circulante. [...] Os mais assíduos são as pessoas que frequentam o setor de periódicos. Todos os dias eles estão lendo o jornal. É um grupo de todo dia. Mas tem gente que vem todo dia para conversar..., a gente está no centro e as pessoas normalmente têm a ideia de que o relacionamento da biblioteca com a população é só em torno do livro. No centro, a questão da solidão acho que ela é mais presente. Então as pessoas vêm para trocar uma ideia, para conversar e não necessariamente para questão da informação, necessidade de informação ou necessidade da leitura.

A bibliotecária contou que a maior procura é por livros de autoajuda e livros com temática espírita. Outra procura grande é por livros de materiais para vestibular e pela gibiteca do local.

Explicou ainda que há parcerias com alguns professores uma escola próxima ao

mais de 200 sistemas ativos atendendo à prefeitura de Campinas e à população. (<https://ima.sp.gov.br/institucional/quem-somos>)

local. Entretanto, além de não serem com todos os professores da escola, a bibliotecária diz ter sentido um fechamento das escolas em si e assim, as parcerias que mais realizam são feitas com ONGs – organizações não-governamentais. Além dessas parcerias, a biblioteca proporciona diversos eventos durante o ano, como por exemplo, o dia do quadrinho nacional, dia 30 de janeiro, que atrai muitas pessoas e a feira SUB⁷ – um evento bastante grande – que atrai três mil pessoas para a biblioteca. Já os bate-papos e conversas, atraem um número menor de pessoas:

A Feira SUB tem como objetivo apresentar os mais variados formatos de produção independente de trabalhos que circulam fora do meio editorial tradicional e inclui: livros, zines, livros de artista, revistas, xilogravuras, pôsteres, ilustrações, fotografias, além de uma infinidade de produtos impressos que têm como características a produção com pequena tiragem e alto valor artístico.

A figura 16 mostra uma edição da Feira SUB e a figura 17 apresenta um convite para o evento do dia do quadrinho nacional.

Figura 16. Imagem de uma edição da feira SUB



Fonte: site Portal Cultura Campinas

Figura 17. Imagem sobre o dia do quadrinho nacional



Fonte: site da Prefeitura de Campinas

O local comporta um espaço amplo para o acervo de livros, revistas e quadrinhos, dispõem de muitas mesas, cadeiras e pufes para que o visitante possa fazer sua pesquisa, estudar, ler um livro/jornal ou até mesmo passar um tempo, de forma confortável.

A ampliação do acervo se dá através de doações e projetos, não havendo compras. O acervo é composto por áudio livros, revistas, clássicos da literatura, periódicos, HQs, entre outros já citados, ou seja, todas as áreas do conhecimento são cobertas. Conta ainda, com um acervo em braile. Entretanto, este acervo, é de responsabilidade de outro bibliotecário. Há ainda, a parte de computadores para que se possa ter acesso à

⁷ Mais informações disponível em <https://cartacampinas.com.br/2019/05/abertas-as-inscricoes-para-a-4a-edicao-da-feira-sub-de-arte-impressa-e-publicacoes-independentes/>

internet. Não foi fornecida informações sobre aulas de informática ou sobre a utilização desse espaço. Entretanto, o espaço conta com o Programa Juventude Conectada, já mencionado, que tem por objetivo a inclusão digital.

Essa biblioteca foi o espaço com maior número de frequentadores durante as entrevistas realizadas, provavelmente, por se localizar no centro da cidade, além de possuir um vasto e diversificado acervo. Observa-se que mesmo com uma importância relevante há ações a serem melhoradas no que diz respeito ao espaço físico, cuidados e manutenção.

Pode-se observar nas falas dos três bibliotecários entrevistados que as bibliotecas são, atualmente, mais do que espaços de consultas de livros; são, também, espaços ampliadores de cultura e de experiências culturais. Como já destacado por Souza e Motoyama (2014), ao longo do tempo as bibliotecas foram assumindo diferentes funções, dentre as quais a principal é de preservar a cultura e os saberes. Esse movimento foi evidenciado pelos eventos promovidos, pelos encontros intergeracionais, pelas rodas de conversa, as aulas de informática e ainda, os encontros para a realização de trabalhos manuais para fins assistenciais, além das leituras com diferentes finalidades – busca de informação, pesquisa e deleite – o que demonstra a troca de experiências e novas aprendizagem para todos.

Silva, Cavalcante e Costa (2018) realizaram um estudo de caso sobre as bibliotecas comunitárias de zona rural, do município de Itaitinga-CE. Trazem informações importantes em relação à participação dos usuários nas atividades culturais proporcionadas pelo espaço, corroborando, dessa forma, com a fala dos

bibliotecários em relação a frequência significativa dos usuários campineiros nas atividades culturais oferecidas pelos espaços das bibliotecas da cidade.

Como visto nas entrevistas, a maioria das bibliotecas tem seu acervo composto por doações. Nesse sentido, Alves (2014) alerta para a importância de se contar com acervos atualizados, bem como de promover o acesso da população a obras clássicas. Entretanto, nem sempre um acervo montado, em sua grande maioria, por doações garante essa qualidade. Esse fato, demonstra a importância de políticas públicas que se comprometam com a manutenção das bibliotecas, no que se refere à aquisição de acervo de qualidade e completo, assim como a manutenção dos espaços físicos das instituições em bom estado de conservação.

Entende-se que as experiências literárias representam um dos eixos para o desenvolvimento da imaginação dos indivíduos, uma vez que proporcionam espaço para novas experiências e novas possibilidades de entendimento do mundo. As bibliotecas apresentam-se como lugares especiais para o desenvolvimento da capacidade criadora e da imaginação, pois esses locais são espaços propícios para o desenvolvimento e incentivo de novos temas de conhecimento, para seus frequentadores. Partindo dos estudos de Vigotski, Smolka (2009, p. 9) defende a ideia de que o desenvolvimento humano se mostra como um trabalho de um indivíduo sobre o outro, uma vez que nesse processo não é apenas o indivíduo que se beneficia e se enriquece ao entrar em contato com a cultura, mas também, a cultura passa a “reelaborar em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação nova ao curso do desenvolvimento”. Vigotski defendia a fundamental importância do

trabalho do outro como agente mediador entre os sujeitos e os objetos culturais.

A biblioteca pode ser um lugar bastante interessante e rico de interação entre as pessoas que a frequentam e o bibliotecário. Quando essas interações acontecem de uma maneira dialética, tanto o funcionamento da biblioteca irá interferir no comportamento das pessoas, quanto as necessidades dos frequentadores do espaço vão alterando seu próprio funcionamento. Pode-se observar tal movimento nas adaptações ao horário de funcionamento e na adaptação do mobiliário do espaço relatado pelos bibliotecários entrevistados.

As bibliotecas públicas visitadas cumprem a função de promotoras de mediações diversas, que oportunizam conhecimentos e desenvolvimento aos seus frequentadores, quando incentivam a utilização do espaço, quando realizam eventos diversos, que abrangem temas variados, alcançando diferentes faixas etárias de seu público, proporcionando, assim, experiências literárias de qualidade. Já no contexto escolar, a bibliotecária entrevistada cumpre a função de ampliação de repertório, quando explica sua preocupação em possibilitar o acesso dos livros aos alunos, com o processo de revitalização da biblioteca em que trabalha, voluntariamente, oportunizando o uso do espaço da biblioteca e do acervo literário que a escola possui e que estava parado há anos, sem uso.

De acordo com Vigotski (2014), quanto mais rica as experiências, mais rica será a imaginação dos indivíduos, levando em consideração ainda, que cada um traz consigo experiências vividas e a partir delas, juntamente com a mediação e incentivo, há novas possibilidades de desenvolvimento. O autor alerta para a atividade desenvolvida pelo homem que cria e combina, nomeada

por ele de atividade combinatória. Explica que as atividades humanas não se restringem apenas a reprodução de experiências e fatos vividos, mas o indivíduo é capaz também de criar novas ações e imagens. Dessa forma, o cérebro humano, além de reproduzir experiências passadas, é capaz de criar e reelaborar, com base em elementos dessas experiências anteriores, princípios e abordagens novas. Entretanto, essa atividade combinatória se desenvolve lentamente em um processo gradual. Pois o desenvolvimento dessa atividade de criação se dá pelas experiências acumuladas ao longo da vida dos indivíduos. Assim, para Vigotski a imaginação se compõe por elementos de criação e combinação de outros elementos já conhecidos.

Percebe-se que os bibliotecários entrevistados se mostraram preocupados com a ampliação cultural de seus frequentadores, por meio do incentivo à leitura e a inserção no mundo literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as bibliotecas são instituições antigas e que ainda se apresentam bastante atuantes na sociedade. Desde os primórdios, essas instituições eram tidas como locais para a realização de pesquisas e empréstimos de livros. A biblioteca sempre tentou acompanhar o movimento da sociedade, adequando-se a ela. Então, com o avanço da tecnologia, as bibliotecas passaram a se modernizar com equipamentos, redes sociais e acervo diversificado, fazendo desses espaços, além da consulta de livros, espaços culturais e de convívio de seus frequentadores.

Nas narrativas dos bibliotecários, participantes da pesquisa, nota-se esses aspectos, demonstrando que, para os

usuários a biblioteca é local importante de desconstrução de saberes. Dessa forma, a atualização da biblioteca se mostra fundamental, sem perder suas características próprias, satisfazendo a curiosidade, incentivando, estimulando e promovendo o prazer pela leitura e desenvolvendo o interesse dos frequentadores de diversas faixas etárias.

Ficou evidenciado que o espaço cultural deve adequar-se aos seus frequentadores para que tenham oportunidades de acessar novas experiências acerca do mundo, aprimorando, assim, suas vivências anteriores, ampliando o repertório. Esse processo é gerador de desenvolvimento no âmbito da imaginação, da criação e da elaboração de conceitos.

Sabendo-se que, a formação do leitor de qualidade se dá através do contato com obras literárias e profissionais mediadores com formação, a cidade de Campinas (S.P.) apresenta bibliotecas bastante ativas e atuantes, com incentivo à leitura para seus frequentadores, divulgação de diversos eventos que ocorrem nestes espaços para que cada vez mais pessoas passem a frequentá-los e, ainda iniciativas visando à inserção social e digital.

Em relação às bibliotecas escolares, nota-se a baixa quantidade delas nas escolas das redes públicas estadual e municipal da cidade. Esses dados são bastante alarmantes no que diz respeito às políticas públicas voltadas à formação do leitor e à educação literária, ao longo da educação básica.

Nota-se a importância de programas como o Programa Nacional da Biblioteca Escolar que contribui para a manutenção de acervo de qualidade. Mas é fundamental que as políticas educacionais proporcionem condições às escolas de manterem seus espaços como biblioteca, com funcionários

qualificados e estrutura adequada. Pois, muitas vezes, os acervos recebidos pelas escolas, apesar de serem de boa qualidade, podem não ser utilizados adequadamente, tanto por falta de formação específica para os educadores, quanto por ausência de espaço disponível para a organização destes materiais.

O desenvolvimento de políticas intersetoriais pode contribuir para a ampliação de bibliotecas escolares com funcionamento mais dinâmico e permanente no interior das escolas públicas. Dessa forma, os (as) bibliotecários (as) teriam a possibilidade de atuar dentro das bibliotecas escolares, garantindo às escolas maior eficiência, pois além do espaço físico e acervo de qualidade, haveria a presença de um profissional devidamente preparado e apto a coordenar e gerenciar este espaço dentro da escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. C. **Educação literária. Você já ouviu falar?** In: Blog Rede de Bibliotecas Escolares, 2016. Disponível em: <https://blogue.rbe.mec.pt/educacao-literaria-voce-ja-ouviu-falar-1995100> Acesso em: 20 de abril de 2020.

ALVES, J. H. P. Uma proposta de leitura de poesia a partir do acervo do PNBE. **Educar em Revista**, n. 52, p. 103-119, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000200007&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 19 de julho de 2020.

AZEVEDO, F. Educar para literacia. In: AZEVEDO, F. **Língua materna e literatura infantil: Elementos nucleares para professores do ensino básico**. Lisboa: Lidel. p.1-10. 2006.

AZEVEDO, F.; MASON, P. Práticas estimuladoras da formação de leitores críticos e comprometidos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 3, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2007.

BORBA, A. N.; MARTINS, E. C. S. Biblioteca pública espaço de mediação cultural. **XIIISimpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI** p. 109-119, 2015. Disponível em <https://proxy.furb.br/soac/index.php/sip/xiiisip/schedConf/presentations>

BRANDÃO, C. L. Programa Nacional Biblioteca Da Escola: Mudança, Permanência e Extinção. **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação e VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO)**, p. 18817 – 18828, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26530_14096.pdf Acesso em: 19 de julho de 2020.

DUARTE, T.; SPUDEIT, D. Práticas inovadoras nas bibliotecas escolares em Florianópolis: empreendedorismo cultural em foco. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 3, jul/set. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000300104 Acesso em 13 de agosto de 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

HIGA, S. E. L. **Famílias que participam de biblioteca: a mediação afetiva na constituição do sujeito leitor**. 2015. 1 recurso online (302 p.). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de

Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305036> Acesso em: 30 de maio de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola> Acesso em: 19 de julho de 2020.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, v. 20, n. 1, p. 173-188, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000100010>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

SALA, F.; MILITÃO, S. C. N. **Biblioteca escolar no brasil: origem e legislação nacional educacional**. Educere. Formação de professores: Contexto, Sentido e Práticas. VI Seminário Internacional de Representações Sociais Subjetividade e Educação – SIRSSE. P. 4670- 4685. 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341_12048.pdf Acesso em: 14 de Abril de 2020.

SANTOS, J. M. Bibliotecas no Brasil: Um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 50–61, 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132/168> Acesso em: 10 de Abril de 2020.

SILVA, A. P. C.; CAVALCANTE, L. E.; COSTA, M. F. O. O diálogo entre biblioteca e comunidade: um estudo de caso acerca do perfil e das percepções dos usuários das Bibliotecas Comunitárias de Itaitinga, Ceará. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 1, jan/mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362018000100039&lng=en&nrm=iso Acesso em 13 de agosto de 2019.

SMOLKA, A. L. Ana Luiza Smolka comenta Lev S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

SOUZA R.J.; MOTOYAMA, J. F. M. A formação de leitores literários: o espaço como mediador. **Raído**, Dourados, MS, v.8 P. 155-169, n.17, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/3553/2036>Acesso em: 10 de abril de 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda: 2014.